

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
BOITEMPO
ESQUECER PARA LEMBRAR

POSFÁCIO

John Gledson

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro
sobre detalhe de *Paisagem de Tiradentes*,
de Carlos Bracher, óleo sobre tela,
60 × 81 cm, 1963.
Coleção particular. Reprodução de Julio Hübner.

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Angela das Neves
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Boitempo: Esquecer para lembrar / Carlos Drummond
de Andrade; posfácio John Gledson — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2908-9

I. Poesia 2. Poesia brasileira I. Gledson, John. II. Título.

17-02743

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

REPERTÓRIO URBANO

- 15 Pedra natal
- 16 Paredão
- 17 Censo industrial
- 19 Forja
- 20 Ferreiro
- 21 Império mineiro
- 23 O relógio
- 24 Sino
- 26 Pintura de forro
- 27 Os gloriosos
- 28 Procissão do encontro
- 29 Opa
- 30 Cemitério do Cruzeiro
- 31 Cemitério do Rosário
- 32 Câmara Municipal
- 33 Curral do Conselho
- 35 Deveres
- 36 Proibições
- 37 Portão
- 38 Terapia ocupacional
- 39 Os assassinos
- 40 Caçada
- 41 Correio
- 43 Imprensa
- 44 Água-cor
- 45 Rancho
- 46 O dia surge da água
- 47 A rua em mim
- 48 Banho
- 49 Paisagem descrita em jornal de 1910
- 50 O negócio bem sortido

- 52 Turcos
54 Tempo ao sol
55 Chegar à janela
56 O andar
57 Serenata
58 Sina
59 Vida vidinha
60 Primeiro automóvel
61 A montanha pulverizada
62 O resto
63 Conclusão
64 Ordem
65 Telegrama
66 Cortesia
67 Visita à casa de Tatá
68 Imperador
69 Primeiro poeta
70 Cultura francesa
71 A Alfredo Duval
72 Orgulho
73 Realidade
74 Hortênsia
75 Flora mágica noturna
76 Coqueiro de Batistinha
79 Ei, bexiga!
80 O doutor ausente
82 Primeira eleição
84 *Suum cuique tribuere*
85 Doido
86 Velhaco
87 O inglês da mina
88 Mrs. Cawley
89 A separação das casas
92 O melhor dos tempos
94 Poder do perfume
96 Tantas fábricas
97 O original e a cópia

- 98 Os charadistas
99 Os velhos
101 Arcebispo
102 São Jorge na penumbra
103 O bom marido
104 Morte de noivo
105 A moça ferrada
106 Noticiário vivo
107 Abrãozinho
108 Aniversário de João Pupini
112 História trágica
114 Saber incompleto
115 Resistência
116 Estigmas
117 Oração da tarde
118 A condenada
119 Gosto de terra
120 O visitante inábil

PRIMEIRO COLÉGIO

- 123 Fim da casa paterna
127 Ombro
128 Mestre
129 Aula de português
130 Aula de francês
131 Aula de alemão
132 Figuras
133 Craque
134 A norma e o domingo
136 Programa
137 Ruas
138 Parque municipal
140 Apontamentos
141 Livraria Alves

FRIA FRIBURGO

- 145 Primeiro dia

146	Segundo dia
147	Terceiro dia
149	Lição de poupança
150	O doce
151	Começar bem o dia
152	A decadência do Ocidente
153	Estreia literária
155	O rato sem rabo
156	Cobrinha
157	Pavão
158	A lebre
159	Marcas de gado na alma
160	Lorena
161	A banda guerreira
162	Orquestra colegial
163	Artistas adolescentes
164	Sessão de cinema
165	Verso proibido
166	Recusa
167	Inventor
168	O som da sineta
169	Enigma
170	Somem canivetes
171	Caxerenguengue
172	Passeio geral
175	Postos de honra
176	Campeonato de pão
177	Dormitório
180	Direito de fumar
182	Punição
183	Arte fulminada
184	Sacrifício
185	Esplendor e declínio da rapadura
186	Fórmula de saudação
187	Discursos
188	Retiro espiritual
190	O colegial e a cidade

- 193 Certificados escolares
195 Adeus ao colégio

MOCIDADE SOLTA

- 201 A casa sem raiz
204 O pequeno cofre de ferro
205 Resultado
206 Engate
207 Dormir na Floresta
211 Dois fantasmas
213 Ninfas
214 Bar
215 Hino ao bonde
218 A hora final
219 Vigília
220 Presépio mecânico do Pipiripau
221 O não dançarino
222 Doidinhos
223 A difícil escolha
224 O grande filme
225 O lado de fora
227 Orquestra
228 Rebelião
230 O fim das coisas
231 Parceiro de Bach
232 O artista
233 Depravação de gosto
234 Graça feminina
235 As letras em jantar
236 Jornal falado no Salão Vivacqua
238 A tentação de comprar
239 Três no café
241 Encontro
242 Oposição sistemática
243 Profissão: enterrado vivo
245 A visita do rei
250 O passado presente

251	Plataforma política
254	Ode ao Partido Republicano Mineiro
256	Confeitaria suíça
257	A paraquedista
258	As moças da Escola de Aperfeiçoamento
261	Mulher eleitora
263	Carnaval e moças
266	Dificuldades do namoro
267	Praça da Liberdade sem amor
269	A ilha
270	Vitória
272	Estes crepúsculos
273	Companheiro
275	Parabéns
276	A consciência suja
281	Dia de flor
282	Final de história
284	O senhor diretor
285	Redator de plantão
286	Verbo e verba
287	O príncipe dos poetas
289	A língua e o fato
290	Espetáculo
291	Música protegida
292	Morto vivendo
293	Nota da edição
295	Posfácio
	“No céu livre por vezes um desenho”,
	JOHN GLEDSON
309	Leituras recomendadas
310	Sumários das edições originais
316	Cronologia
322	Crédito das imagens
323	Índice de títulos e primeiros versos

**BOITEMPO
ESQUECER PARA LEMBRAR**

PEDRA NATAL

ita
pedra luzente
pedra empinada
pedra pontuda
pedra falante
pedra pesante
por toda a vida

pedra
mais nada

bira
candeia seca
sono em decúbito
tempo e desgaste
sem confiança
paina de ferro
viva vivida

PAREDÃO

Uma cidade toda paredão.
Paredão em volta das casas.
Em volta, paredão, das almas.
O paredão dos precipícios.
O paredão familiar.

Ruas feitas de paredão.
O paredão é a própria rua,
onde passar ou não passar
é a mesma forma de prisão.

Paredão de umidade e sombra,
sem uma fresta para a vida.
A canivete perfurá-lo,
a unha, a dente, a bofetão?
Se do outro lado existe apenas
outro, mais outro, paredão?

CENSO INDUSTRIAL

Que fabricas tu?
Fabrico chapéu
feito de indaiá.
Que fabricas tu?
Queijo, requeijão.
Que fabricas tu?
Faço pão de queijo.
Que fabricas tu?
Bolo de feijão.
Que fabricas tu?
Geleia da branca
e também da preta.
Que fabricas tu?
Curtidor de couro.
Que fabricas tu?
Fabrico selim,
fabrico silhão
só de sola d'anta.
Que fabricas tu?
Eu faço cabresto,
barbicacho e loro.
Que fabricas tu?
Toco uma olaria.
Que fabricas tu?
Santinho de barro.
Que fabricas tu?
Fabrico melado.
Que fabricas tu?
Eu faço garapa.
Que fabricas tu?
Fabrico restilo.
Que fabricas tu?

Sou da rapadura.
Que fabricas tu?
Fabrico purgante.
Que fabricas tu?
Eu torro café.
Que fabricas tu?
Ferradura e cravo.
Que fabricas tu?
Panela de barro.
Que fabricas tu?
Eu fabrico lenha
furtada no pasto.
Que fabricas tu?
Gaiola de arame.
Que fabricas tu?
Fabrico mundéu.
Que fabricas tu?
Bola envenenada
de matar cachorro.
Que fabricas tu?
Faço pau de fogo.
Que fabricas tu?
Facão e punhal
de sangrar capado.
Que fabricas tu?
Caixão de defunto.
Que fabricas tu?
Fabrico defunto
na dobra do morro.
Que fabricas tu?
Não fabrico. Assisto
às fabricações.

FORJA

E viva o Governo: deu
dinheiro para montar
a forja.
Que faz a forja? Espingardas
e vende para o governo.
Os soldados de espingarda
foram prender criminoso
foram fazer eleição
foram caçar passarinho
foram dar tiros a esmo
e viva o governo e viva
nossa indústria matadeira.

FERREIRO

Filho do ferro e da fagulha
fulgurando na forja formidável
o seu fole afrouxou e sua força
em face do fiscal e da folhinha
de papel.

IMPÉRIO MINEIRO

Vêm da “corte”, vêm “de baixo”
as casimiras mais finas
as sedas mais celestinas
as requintadas botinas
de primeira comunhão
as porcelanas-da-China
os relógios musicais
os espelhos venezianos
os lustres, os castiçais
as banheiras esmaltadas
as delícias enlatadas
os biscoitos coloridos
as esdrúxulas bebidas
de rótulos ilegíveis
chocolates divinais
quadriláteros de doce
cristalizado irisado
vêm revistas e jornais
os rondós parnasianos
as orações magistras
do senador Rui Barbosa
vêm mulheres fulminantes
em reluzentes postais
com vestidos transparentes
muito acima do soalho
e do sonho dos meninos
vêm cometas e vêm mágicas
de berliques e berloques
vêm senhores de bigode
lourenço, fala de estranja,
fazendo chover na serra
o chuvisco de dinheiro

em troca apenas de terra
já farta de dar feijão
vem “de baixo”, vem do Rio
toda a civilização
destinada especialmente
a nossa vila e parentes
e nossa mor importância.
Bem que o Rio é nosso escravo.
Somos senhores do mundo
por via de importação.

O RELÓGIO

Nenhum igual àquele.

A hora no bolso do colete é furtiva,
a hora na parede da sala é calma,
a hora na incidência da luz é silenciosa.

Mas a hora no relógio da Matriz é grave
como a consciência.

E repete. Repete.

Impossível dormir, se não a escuto.
Ficar acordado, sem sua batida.
Existir, se ela emudece.

Cada hora é fixada no ar, na alma,
continua sonhando na surdez.
Onde não há mais ninguém, ela chega e avisa
varando o pedregal da noite.

Som para ser ouvido no longilonge
do tempo da vida.

Imenso
no pulso
este relógio vai comigo.